

ÂNGELA FERREIRA HERE I STAND



24.10.26 → 28.02.27

MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
PISO 0

PT/EN



ÂNGELA FERREIRA. HERE I STAND

Curadoria de Nuria Enguita

Nascida em 1958 em Maputo, Moçambique, à época ainda uma colónia portuguesa, Ângela Ferreira viveu durante os anos do apartheid na África do Sul, onde se formou em Belas-Artes na Michaelis School of Fine Arts, na Universidade da Cidade do Cabo. Atualmente vive e trabalha em Lisboa, onde desenvolve uma atividade docente fortemente influenciada pelas suas práticas criativas. Pioneira na abordagem artística da realidade pós-colonial, a sua prática está enraizada não apenas numa experiência de vida particular que moldou uma identidade híbrida, como também numa atitude ética comprometida que entende a arte como uma forma de pensar a contemporaneidade.

O pensamento pós-colonial, que analisa as consequências do colonialismo no passado e nas sociedades atuais, encontra nas práticas artísticas de Ângela Ferreira uma rigorosa expressão visual. O questionamento da forma como a Europa e o Ocidente impuseram — ou negaram — conhecimentos, identidades e ideias aos povos colonizados, à semelhança da denúncia das consequências dessa dominação e dos posteriores processos de libertação nacional, configura uma tentativa de compreender a realidade concreta de um tempo e de um lugar culturalmente localizados. No mesmo sentido, constitui uma interrogação crítica profunda sobre os fundamentos que instituem os nossos modos de vida.

Com uma produção escultórica, sonora, fílmica e muitas vezes instalativa, gerada a partir de um intenso trabalho de investigação em torno de arquivos, figuras históricas, arquiteturas e espaços vinculados à experiência colonial, a artista examina situações e realidades concretas da história social, cultural e política do continente africano. Ferreira procura dismantlar a amnésia histórica e o silêncio associados à colonização e aos seus efeitos, e fá-lo através da recuperação do popular e do vernacular — assinalando, por exemplo, a importância da rádio nos processos de libertação. Atenta às questões feministas e raciais, desenvolve uma crítica a quaisquer formas de poder absoluto, cultural ou político, denunciando os mecanismos de assimilação, classificação e domesticação do discurso da alteridade que se disfarçam sob o manto do «reconhecimento».

De qualquer modo, o seu trabalho pode ser lido no âmbito de um quadro conceptual muito mais alargado. O seu fazer desvela as contradições que foram corrompendo sucessivas utopias sociais, culturais e políticas: em suma, a utopia moderna e as suas materializações mais comprometidas. Recorrendo a formas artísticas que procedem de um sonho emancipador, revela também a violência simbólica do colonialismo — e da sua configuração atual, a mundialização —, que representa uma ameaça à diversidade e à coexistência de mundos e de universos semântica e expressivamente distintos. Igualmente, expõe a fratura de sentido (e até o absurdo) que se verifica na transposição de linguagens e signos quando o contexto se altera.

Investigando a relação entre estruturas arquitetônicas, formas de vida e relações de poder, Ferreira indaga sobre o valor das coisas e a possibilidade de compreender a sociedade através da sua produção material e simbólica. As formas não são inocentes. Os materiais, os objetos e o seu design participam na construção de valores religiosos, sociais e políticos, e a sua expansão depende do poder econômico que os produz. É aí que se revelam também outras tensões, entre tradição e desenvolvimento, entre produção industrial e artesanal, entre o pensamento mágico e a racionalidade instrumental, bem como a ambivalência emocional e a insegurança da humanidade perante a emergência de um sistema econômico que, enquanto promete progresso, ameaça formas de vida e tradições.

Esta estratégia observa-se em obras que permitem compreender alguns dos eixos essenciais do trabalho de Ângela Ferreira. Em *Independence Cha Cha* (2014), a artista revisita as promessas incumpridas da modernidade colonial e as expectativas geradas pelas independências africanas. Em *A Tendency to Forget* (2015), questiona a autoridade dos arquivos e das formas coloniais de produzir conhecimento. Em *1 Million Roses for Angela Davis* (2020), articula geografias e momentos históricos da luta antirracista para recuperar uma memória internacional da resistência. Em *Stone Free Zama Zama* (2026), mostra as contradições do extrativismo colonial e as suas consequências, a pobreza e o sonho de uma vida livre.

Em todos estes casos, Ferreira trabalha contra o esquecimento. A sua arte não pretende oferecer uma versão fechada do passado colonial, mas antes mostrar que a história é construída a partir de relatos, imagens e estruturas de poder que podem e devem ser revistos. A arquitetura, o som, o arquivo e as esculturas, assim, tornam-se instrumentos para interrogar aquilo que permanece oculto sob as narrativas oficiais. A sua prática artística demonstra que a descolonização consiste não apenas na revisão do passado mas também na transformação do modo como esse passado determina a nossa compreensão do presente.

ÂNGELA FERREIRA. HERE I STAND

Curated by **Nuria Enguita**

Born in 1958 in Maputo, Mozambique—at the time still a Portuguese colony—Ângela Ferreira lived in South Africa during the apartheid era, where she completed a degree in Fine Arts from the Michaelis School of Fine Arts at the University of Cape Town. She currently lives and works in Lisbon, where she also pursues a teaching practice that is strongly informed by her own creative work. A pioneer in the artistic exploration of post-colonial reality, her practice is rooted not only in a personal life experience that has shaped her hybrid identity, but also in a committed ethical stance that understands art as a way of reflecting on the contemporary world.

Postcolonial thought, which analyses the consequences of colonialism both in the past and in contemporary societies, finds a rigorous visual expression in Ângela Ferreira's artistic practice. The questioning of how Europe and the West imposed knowledge, identities, and ideas upon colonised peoples (or denied them), together with the exposure of the consequences of this domination, and the examination of subsequent processes of national liberation constitute an attempt to understand the concrete reality of a culturally situated time and place. In the same vein, they inform a profound critical interrogation of the foundations upon which our ways of life are built.

Through her sculptural, sound, film, and often installation-based work, which stems from intensive research into archives, historical figures, architecture, and spaces linked to the colonial experience, the artist examines concrete situations and realities within the social, cultural, and political history of the African continent. Ferreira seeks to dismantle the historical amnesia and silence associated with colonisation and its effects by reviving the popular and the vernacular, highlighting, for example, the importance of radio in liberation movements. Attentive to both feminist and racial issues, she develops a critique of all forms of absolute power, whether cultural or political, denouncing the mechanisms of assimilation, classification, and domestication of the discourse of otherness that are disguised as "recognition."

In any case, her work can be read within a much broader conceptual framework. Her practice reveals the contradictions that have gradually eroded successive social, cultural, and political utopias: in short, the modern utopia and its most committed manifestations. Drawing on artistic forms that stem from emancipatory dreams, her oeuvre also reveals the symbolic violence of colonialism (and of its current manifestation, globalisation), which poses a threat to the diversity and coexistence of semantically and expressively distinct worlds and worldviews. Likewise, her work exposes the fracturing of meaning (and even the absurdity) that arises in the transposition of languages and signs when the context shifts.

By investigating the relationship between architectural structures, ways of life, and power relations, Ferreira explores the value of things and the possibility of understanding society through its material and symbolic production. Forms are not innocent. Materials, objects, and their design play a part in the construction of religious, social, and political values, and the spread of the latter depends on the economic power that produces them. It is here that other tensions are also revealed—between tradition and development, between industrial and artisanal production, between magical thinking and instrumental rationality—alongside the emotional ambivalence and insecurity of humanity in the face of the emergence of an economic system which, while promising progress, threatens ways of life and traditions.

This approach is evident in works that shed light on some of the key themes in Ângela Ferreira's practice. In *Independence Cha Cha* (2014), the artist revisits the unfulfilled promises of colonial modernity and the expectations generated by African independence movements. In *A Tendency to Forget* (2015), she questions the authority of archives and colonial forms of knowledge production. In *1 Million Roses for Angela Davis* (2020), she brings together geographies and historical moments of the anti-racist struggle to reclaim an international memory of resistance. In *Stone Free Zama Zama* (2026), she highlights the contradictions of colonial extractivism and its consequences: poverty and the dream of a free life.

In all these cases, Ferreira fights against oblivion. Her art does not seek to offer a fixed version of the colonial past, but rather to show that history is constructed from narratives, images, and power structures that can and must be revisited. Architecture, sound, the archive, and sculpture thus become tools for questioning what remains hidden beneath official narratives. Her artistic practice demonstrates that decolonisation consists not only of revisiting the past, but of transforming how the past shapes our understanding of the present.

PROGRAMA PÚBLICO
PUBLIC PROGRAMME

VISITA/CONVERSA

com Ângela Ferreira e Nuria Enguita
EXHIBITION TOUR/CONVERSATION
with Ângela Ferreira and Nuria Enguita

25 OUT OCT 2026
15H00 / 3:00 PM

VISITAS À EXPOSIÇÃO
EXHIBITION TOURS

8 NOV NOV 2026
11H00 / 11:00 AM

24 JAN JAN 2027
11H00 / 11:00 AM

VISITA VISIT *

ao atelier de Ângela Ferreira
to Ângela Ferreira's studio

20 FEV FEB 2027
11H00 / 11:00 AM

Máximo: 15 participantes
Maximum: 15 participants

VISITA ORIENTADA GUIDED TOUR *

pela artista Ângela Ferreira
with artist Ângela Ferreira

27 FEV FEB 2027
16H00 / 4:00 PM

* Participação gratuita, mediante inscrição prévia
Free admission, advance registration required

Mais informações / Further information:
servico.educativo.museu@ccb.pt



**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
E CENTRO DE ARQUITETURA
LISBOA**

Centro Cultural de Belém

Praça do Império, 1449-003 Lisboa
T (+351) 213 612 878 / (+351) 213 612 913

Siga-nos / Follow us

@macccb.museu
#macccbelem



RTP

RTP
antena 1

RTP
antena 2

sociedade
pontoverde



SONY

Tintas Robbialac

